



Daniel Oliveira
danieloliveira@gmail.pt

PARA LÁ DE CLINT

Para choque de muitos dos seus maiores admiradores, e eu estou na primeira fila, Clint Eastwood tornou público o seu apoio a Donald Trump. Não choca o apoio a um republicano. Clint é uma ave rara em Hollywood. O que espanta é a imbecilidade dos argumentos para apoiar um imbecil: “Esta é uma geração de pussys. Vemos pessoas a acusarem outras de serem racistas. Quando eu era pequeno, estas coisas não eram consideradas racismo. Esta é mesmo uma geração de merda, toda a gente anda com paninhos quentes.” É bom recordar que quando Clint era pequeno ainda havia segregação racial em vários estados dos EUA.

Não há uma contradição entre a arte de Clint Eastwood e as suas convicções políticas. Elas estão presentes em “Mystic River”, quando Jimmy, depois de fazer justiça pelas suas próprias mãos, matando um amigo que erradamente julga ter assassinado a mais velha das suas três filhas, encontra conforto nas palavras ternas da sua mulher: “Ontem, ao deitar as miúdas, disse-lhes que o pai delas faria o que fosse preciso pelos que amava e que isso nunca é errado. E as raparigas adormeceram em paz. O pai delas é um rei. E um rei sabe o que tem de fazer e faz, mesmo que seja difícil. Toda a gente é fraca, Jimmy. Todos menos nós. E tu... Tu podias mandar nesta cidade.” Foi-me impossível, em 2003, ignorar o ambiente pós-11 de setembro que este fim sintetiza. Em “Million Dollar Baby”, Eastwood retrata a pugilista que, seguindo o sonho americano, tenta afastar ao murro o destino de um irmão preso, uma irmã que engana a segurança social, um pai morto, uma mãe que pesa 140 quilos e uma família que, vendendo a numa cama de hospital, tenta sacar o que é seu. A pobreza é uma escolha de parasitas que procuram vantagens sem trabalho. Em “Gran Torino”, um velho e azedo veterano da Coreia maldiz os vizinhos hmong até salvar um jovem do caminho do crime, partilhando com ele os seus valores antiquados. Tão antiquados como os do pai do rapaz. Mas é diferente, porque ele é americano, explica-lhe a irmã agradecida. Tudo o que Clint pensa está nos filmes. Mas com autoironia e génio. Pode dar-se o caso de terem sido os meus olhos, enfeitados pelo seu talento, a verem subtilezas onde elas não existiam. Como de cada vez que revejo “Há Lodo no Cais”, em que, perante uma obra-prima, decido ignorar a acusação de que Elia Kazan e Budd Schulberg estariam a justificar a delação e a colaboração dos dois com o macartismo.

As frases de Clint no seu apoio a Trump são intoleráveis, não pelo seu conteúdo, mas pelo seu primarismo formal. Clint Eastwood diz o mesmo em muitos dos seus filmes, mas di-lo com inteligência. Os artistas apenas valem pela sua arte, mesmo que nela defendam coisas que nos repugnam. A arte é a forma que encontraram para existir para o mundo. Porque tudo o que dizem ou fazem fora dela será sempre, se forem realmente extraordinários, mais pobre. O cidadão Eastwood é apenas o preconceituoso Walt Kowalski antes de ter partilhado com o jovem hmong o seu Ford Gran Torino. Aquilo em que se transforma depois desse encontro, atento às contradições da vida, é a arte do realizador Clint. Por isso se diz que a arte transcende o artista. O Clint Eastwood que apoia Donald Trump é Dirty Harry, com as suas frases feitas de duração enlatado. O que interessa é a sua arte. Muito melhor do que ele, como é habitual.

Presidente da UNAC diz que precisamos de ordenamento, instrumentos direcionados e mais capacidade de monitorização

Mais eucalipto?

António Gonçalves Ferreira

O eucalipto é a espécie ‘mais’ da floresta portuguesa: mais odiada, porque o ódio é um sentimento fácil e próprio dos fundamentalismos; mais rotulada, porque os bodes expiatórios são sempre amplamente (des)qualificados; mais incompreendida, porque muitos dos que sobre ela opinam a desconhecem; mais estudada, porque é a única que tem uma estrutura de investigação própria e dedicada; mais gerida, com o selo de certificação da gestão florestal sustentável atribuído a cerca de 30% da sua área, numa tendência crescente; mais rentável, com um período de recuperação do capital de apenas uma década.

A discussão que se abriu com a colocação por parte do Partido Ecologista ‘Os Verdes’ (PEV), no âmbito do acordo de compromisso com o Governo, da proibição de plantação de novos eucaliptais pode ser a oportunidade que faltava para, de uma vez por todas, olharmos de um modo mais racional para esta árvore e para a sua floresta. Uma limitação transversal à cultura do eucalipto em Portugal não vai resolver qualquer problema da floresta portuguesa. O eucalipto é a mais rentável das opções da floresta portuguesa, a única que gera retorno no espaço de uma década, sendo a que pode liderar um processo de renovação e melhoria que a floresta portuguesa sempre reclama, mas que os seus agentes tardam em conseguir.

Em 2016, mais de um século depois da sua introdução em Portugal, mais de cinco décadas depois da sua industrialização



e mais de três décadas depois de uma expansão inicial que nem sempre foi a mais adequada, podemos, com clareza, com base científica e com experiência comprovada, tirar partido do mais que esta espécie pode ser na nossa floresta sem que mais problemas decorram da sua utilização. Podemos ter mais eucalipto, mais produção e áreas florestais mais rentáveis nas nossas explorações, porque temos hoje mais conhecimento, mais consciência ambiental, mais estruturas de aconselhamento técnico, mais e melhor capacidade de gestão. Para isso, precisamos de mais ordenamento, instrumentos de política mais direcionados e, obviamente, mais capacidade de monitorização e fiscalização do ICNF-Instituto de Conservação da Natureza e Florestas.

Se juntarmos estas duas realidades, certamente teremos uma floresta mais resiliente, mais apta para resistir aos fogos e às pragas e doenças, mais capaz de gerar emprego, com mais necessidade de prestadores de serviços qualificados e, como tal, mais dinâmica. Provavelmente com mais eucalipto, mas também com mais capacidade económica para investir num *mix* de espécies mais diversificado, onde se incluem os pinheiros e as quercíneas. Tere-

mos mais economia, mais ambiente e uma sociedade rural mais forte... e que mais queremos do que isso, nós os produtores florestais, os cidadãos que usufruem das externalidades da nossa floresta e os políticos que nos governam? Em inglês diria mos

que o eucalipto é uma opção *plus*. E não é isso o que todos mais procuramos?

ILUSTRAÇÃO CRISTINA SAMPAIO



Henrique Raposo
henrique.raposo79@gmail.com

O BURNOUT DO DOUTOR

Na ausência do padre por falta de fé e longe do psiquiatra por falta de carteira, muita gente procura o médico para desabafar. Há dias sucedeu-me o contrário. Um médico, ainda jovem, resolveu desabafar comigo. Fui o seu confessor durante a hora e meia que levou a tratar-me. Começou por dizer que fazer cirurgia geral não dá nem dinheiro nem família. Se tivesse tirado outra especialidade, também andava por aí de Mercedes e, acima de tudo, ainda estava casado. O tal *burnout* começa neste incêndio das rotinas familiares, que se tornam impossíveis para a classe médica. Os médicos têm horários de guerra enquanto toda a sociedade está em tempo de paz. E esta divisão laboral, digamos assim, começa logo em casa. Muitas vezes, as mulheres e os filhos não percebem porque é que a bata branca é um uniforme militar.

O incêndio prossegue com a crescente desconsideração de doentes e familiares. A este respeito, contou-me uma história que o estava a irritar. Um velhote com mais de 70 entrou no hospital com gripe. Não é preciso tirar um doutoramento em pneumologia para perceber que se trata de um quadro grave. Um dia depois, o senhor morreu com naturalidade. Sucede que a família não aceitou essa naturalidade, indignou-se, insurgiu-se contra os médicos, que era um escândalo!, que era só uma gripe! Ora, a culpa desta incapacidade para se aceitar a naturalidade da morte, disse eu, também é da classe médica ou de uma certa ideologia médica que transformou a medicina numa religião que promete a salvação para tudo e para todos. Parecendo concordar com o que eu dizia, respondeu assim enquanto pegava no bisturi: “Somos apenas aprendizes de feiticeiro. Negoceio todos os dias com São Pedro, hoje levas este mas não levas aquele. Às vezes, passo cinco horas na mesa de operações mas não consigo salvar o doente e digo-lhe uma coisa: choro cada um das pessoas que não consigo roubar a São Pedro”.

Fiquei a pensar que a humildade deste jovem médico faz falta à classe médica e à ideologia (muito financiada pelas farmacêuticas) que anda há décadas a prometer uma vida sem doenças e a ilegalizar a morte. Se isto é comum a todo o Ocidente, é ainda mais grave neste país de hipocondríacos chamado Portugal. A mãe que vai à urgência pediátrica porque o filho esfolou o joelho é a filha que se indigna porque o pai morreu de gripe aos 73. Temos esta absurda taxa de afluência às urgências porque a nossa sociedade criou uma devoção religiosa pelo médico. O senhor doutor substituiu o senhor padre. Mesmo quando o médico diz que não tem nada, muitas senhoras recusam-se a sair do consultório sem uma prescrição de medicamentos da mesma forma que há cem anos recusariam sair do confessor sem pelo menos dez Ave Marias. O tal *burnout* começa aqui, neste ego de Ícaro da medicina moderna, nesta arrogância química que transformou a medicina numa ideologia. O fim deste incêndio depende do fim desta ideologia, isto é, depende do regresso a uma visão mais natural sobre a morte. Quando a classe médica em geral chegar à humildade deste jovem médico que foi meu amigo durante hora e meia, o *burnout* passará à história.

Membro da Comissão Política do CC do PCP elenca o vasto conjunto de medidas que falta colocar no terreno para combater os fogos

Ainda arde!

João Frazão

Um milhão de hectares de floresta ardida na última década, habitações, edifícios públicos, culturas agrícolas, gados, instalações agrícolas e industriais destruídas. Vidas humanas perdidas. Realidade para a qual se conhecem as causas: desordenamento, escassez dos meios de combate, ausência de políticas de apoio aos pequenos e médios agricultores e produtores florestais e aos baldios, desertificação do interior por falta de atividade produtiva com rendimento, eliminação de serviços públicos (escolas, serviços de saúde). O anterior Governo PSD/CDS aprovou ainda a chamada Lei da Eucaliptização, uma nova lei dos baldios e desviou mais de 200 milhões de euros do PRODER para outras áreas.

Tudo isto é sabido há muito. Tal como se sabem que respostas fazem falta: ordenamento e limpeza da floresta, contrariando a monocultura, plantação de espécies tradicionais e combate às infestantes, combate à hegemonia do eucalipto — a espécie que ocupa mais área no país —, abertura de caminhos rurais e aceiros, valorização da agricultura e da pastorícia, ocupação

do espaço rural, concretização do cadastro. Para tanto é necessário que o Governo desbloqueie meios do PDR 2020 e do Orçamento do Estado, designadamente do Fundo Florestal Permanente; garantia de um preço justo pela madeira que se mantém a níveis semelhantes aos de há dez anos, apesar dos custos de produção aumentarem, sendo necessária intervenção pública para contrariar práticas abusivas do domínio do mercado; apoio ao dispositivo de intervenção, designadamente de sapedores florestais — que deveria contar com 500 equipas em 2012, e que apenas dispõe de 283 —, bem como a retoma do Corpo de Guardas Florestais, que o PCP propôs na anterior legislatura, reforço das estruturas do Ministério da Agricultura, para apoiar pequenos proprietários que detêm a maioria da área florestal e que é necessário respeitar. Renovar frotas, valorizar o pagamento às equipas de combate a incêndios florestais, investir em equipamento tecnologicamente avançado e em maior disponibilidade de meios humanos, tendo presente que muitas corporações de bombeiros viram os seus efetivos migrar.

Para lá da mediatizada atenção nestes dias trágicos que, contrariando a precipitada avaliação feita

em meados de julho, trouxeram situações dramáticas no Continente e na Madeira, e de histriónicas intervenções e soluções, é necessária uma imediata intervenção do Governo com vista a reforçar os meios de emergência e combate, tendo em conta que estamos ainda em agosto, o levantamento dos prejuízos e o acionamento de medidas de exceção para acudir às famílias, a equipamentos, e atividades económicas, designadamente, à agricultura. E lementos para aliar à coragem e dedicação de milhares de homens e mulheres que, com risco das próprias vidas, enfrentam este flagelo nacional e que têm de merecer o nosso apreço pela incansável intervenção.

Se tudo isto é, em geral, consensual na época dos fogos, se a Assembleia da República aprovou, em 2014, por unanimidade uma Resolução com 53 medidas para assegurar maior eficácia na prevenção e combate aos fogos, que o Governo PSD/CDS ignorou, o que falta para evitar este inferno? Outra política agrícola, florestal e de defesa do mundo rural, definição da defesa da floresta portuguesa como prioridade da ação política, medidas que o PCP não cansará de defender. Opção que é inseparável da exigência de outra política, patriótica e de esquerda, que em vez de atender aos grupos económicos e financeiros, responda aos problemas e defenda as aspirações do povo e do país.